

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Uma Viagem Pelo Cinema da Eslovénia
12 de Outubro de 2021

DRUŽINA / 2017
“A Família”

um filme de ROK BICEK

Realização e Argumento: Rok Bicek / **Fotografia:** Rok Bicek / **Montagem:** Rok Bicek, Yulia Roschina / **Com:** Matej Rajk, Nia Kastelec, Barbara Kastelec, Alenka Rajk, Boris Rajk, Mitja Rajk, Ivka Gruden, Emanoela Skulj, Robert Krese, Aleksej Kastelec, Estera Dvornik, Dvornik, Gabrijela Simetinger.

Produção: Cvinger film, Zwinger Film (Eslovénia) / **Cópia:** em DCP, cor, falada em esloveno e legendada em português / **Duração:** 106 minutos / **Primeira Apresentação Pública:** 7 de Agosto de 2017, Festival de Cinema de Locarno, Semana da Crítica / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

Rok Bicek nasceu em 1985 em Novo Mesto, na Eslovénia. É realizador, produtor, argumentista, conhecido em Portugal sobretudo pelo seu filme **Razredni Sovraznik / O Inimigo da Turma** (2013), a sua primeira longa-metragem de ficção, que teve estreia comercial no nosso país. Se percorrermos a sua filmografia encontramos no meio das curtas-metragens que realiza entre 2004 e 2010 uma que se chama precisamente **Druzina/A Família** (2007), correspondendo assim ao título do filme que realizou em 2017 e que exibimos hoje, o que nos dá algumas pistas para percebermos a génese desta longa-metragem que teve estreia na semana da crítica do Festival de Locarno desse mesmo ano.

Druzina é um filme que aposta num realismo de cariz social exacerbado ao colocarmos face a uma realidade documental muito concreta: o paralelismo entre os problemas de um rapaz na adolescência, que se confronta com o facto de viver numa família com escassos recursos e grandes problemas ao nível da saúde mental, e a sua posterior vivência dos primeiros anos de vida adulta – o ser pai muito jovem e a constituição da sua própria família, o nascimento da filha, a separação da namorada, o destino da criança. É na realidade com um nascimento que nos confrontamos de início do filme, o momento sempre impressionante de um parto, aqui filmado em plano-sequência, com a câmara apontada para o corpo da jovem mãe que dá à luz uma menina. Momento de pura frontalidade face a uma realidade que o realizador não cessará de acompanhar sem rodeios ou contemplações.

O facto de Rok Bicek nos mostrar esta evolução (os planos da adolescência de Matej Rajk, que abrem e fecham o filme) parece encerrar o seu protagonista nas teias do seu próprio destino, como que condenado por um determinismo social ao qual é difícil

escapar. Pensamos no realismo social britânico, mas também em tantos realizadores contemporâneos com influência sobre o cineasta, como o por si evocado Christian Mungiu. Mas **Druzina** é também um projecto com dez anos que, indirectamente, se aproxima de **Boyhood** de Richard Linklater pelo acompanhamento de um jovem em tão longa duração, sendo que aqui a realidade documental sobrepõe-se mais claramente a qualquer tentativa de ficção.

Matej Rajk, o jovem protagonista é impressionante na sua força física, mas também na sua fragilidade sempre à flor da pele, que ditará as suas decisões num filme sobre a violência social – a conversa com a assistente social em presença do pai é um forte indício do que se seguirá. Impressiona também a reprodução em cadeia de tantos condicionalismos sociais e desigualdades que condenam à partida Nia, a bebé que vemos acabar de nascer que, caso as circunstâncias fossem outras, poderia viver ao lado do pai, a quem não responderá na despedida final. Mais um momento de violência psicológica extrema que se repete, como que não conseguindo quebrar um círculo, que conduz Rajk à renúncia forçada de ter mais filhos. Um protagonista que, como tantos “anti-heróis” do cinema, revela uma força invulgar, aqui conquistando um suplemento acrescido pela sua condição bem real, que nos revela um retrato devastador de uma família.

Quando questionado sobre o seu modo de produção e sobre a relação dos seus filmes, nomeadamente a sua primeira ficção (**O Inimigo da Turma**) e este **Druzina** Rok Bicek respondeu: “A minha abordagem de ambos os filmes é a mesma, um foi modelado pelo seu guião, o outro foi modelado pela vida”. E é a dureza da vida que perpassa entre as suas imagens e sons.

Joana Ascensão